



*Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas
Instituto de Filosofia, Artes e Cultura
Universidade Federal de Ouro Preto
ISSN: 2596-0229*

**RELATOS COM CARDUMES:
três imersões “apeixonadas” interespecies**

REPORTS WITH SHOAL:
three passionate interspecies mergings

Ciane Fernandes

 <https://orcid.org/0000-0002-2380-5034>

Relatos com cardumes: três imersões “apeixonadas” interespécies

Resumo

Três relatos de experiências de Somática e dança com peixes, duas delas realizadas com meu filho neurodivergente Lucio Di Franco, no mar do Porto da Barra, Salvador BA, entre novembro de 2022 e abril de 2023. A maioria dos relatos foi inicialmente gravada em formato de áudio logo após as imersões e compartilhados em grupos que sobrepõem ensino, pesquisa e extensão, como na performance Lugar sem Fala (Coletivo A-FETO de Dança-Teatro, 2022) e a palestra performativa Movimento e Estados Aquáticos (evento Trançar, organizado por Ana Pais e Daniela Guimarães, UFBA, 2023).

Palavras-Chave: somática; imersão como pesquisa; estado somático-performativo; diferença; mergulho livre.

Reports with shoal: Three passionate interspecies mergings

Abstract

Three reports of experiences of Somatics and dance with fish, two of them in the company of my neurodivergent son Lucio Di Franco, at the sea in Porto da Barra, Salvador BA, Brazil, between November 2022 and April 2023. Most of the records were initially recorded in audio format soon after the merging experiences, and shared in groups of education, research and extension, such as at the performance Speechless Place (A-FETO Dance Theater Collective, 2022) and the performative lecture Movement and Aquatic States (Weaving event, organized by Ana Pais and Daniela Guimarães, 2023).

Keywords: somatics; merger as research; somatic-performative state; difference; free diving.



Introdução

Os relatos a seguir referem-se a atividades ecoperformativas¹ entre dança, Somática e mergulho livre, realizadas na Praia do Porto da Barra, na cidade de Salvador BA, entre novembro de 2022 e abril de 2023. Estas atividades integram o projeto de Produtividade em Pesquisa Neurodiversidade em Movimento: Somática e Acessibilidade como Ecologia de Saberes (CNPq, 2022-2025), sob minha coordenação, apesar de que já venho desenvolvendo atividades somático-performativas em ambientes aquáticos no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão desde 2009 (Fernandes, 2022).

A Praia do Porto da Barra é uma pequena enseada de 300m de extensão na entrada da baía de Todos os Santos, com areia fina e branca e águas geralmente calmas e mornas, rodeada de arrecifes que permitem visualizar corais e animais aquáticos como polvos, tartarugas, camarões-palhaço, caranguejos, lagostas, siris, ouriços-do-mar, lesmas-do-mar, moreias, e várias espécies de peixes, como raias treme-treme, cavalos-marinhos-de-focinho-longo, peixes-sapo, além de mais de cem espécies de peixes recifais. A Praia do Porto da Barra é também um local histórico, pois foi ali que desembarcou Tomé de Souza em 1549, erguendo o mastro com uma cruz de malta que tornou-se o marco do suposto “descobrimento” do Brasil pelos portugueses.

Cardumes podem ser vistos na Praia do Porto da Barra especialmente em dias de águas claras e calmas, pois quando chove a água tende a ficar mais escura e arenosa, também poluída com muito lixo urbano. Os cardumes mais comuns na Praia do Porto da Barra são os de sardinhas (*Harengula sp.*), de xixarros (*Decapterus sp.*) e de pititingas (*Engraulidae*). As atividades descritas a seguir deram-se com cardumes de sardinhas-cascudas, da família *Clupeidae*, com corpo alongado e prateado de cerca de 15cm, com uma linha lateral.

Praia do Porto da Barra, Salvador BA, 12 de novembro de 2022

Fui mergulhar e assim que eu entrei na água – porque eu só tinha 1 hora para fazer isso –, coloquei o snorkel e as nadadeiras, e já fui direto para o fundo porque não tinha muito tempo para ir entrando devagar. E a praia também estava muito cheia! Em menos de

¹ “O termo ecoperformance junta o prefixo eco (de ou relacionado a ecologia) com a palavra performance (relacionada às práticas teatrais da arte da performance) e resulta em uma nomeação descritiva e enfática que pode ser definida como eventos ao vivo, teatrais ou performáticos focados temática, conceitual ou fisicamente em fenômenos ecológicos, mudança climática, ou justiça ambiental” (Doud, 2022, p. 325-326, tradução nossa).



2 minutos, quando cheguei já no fundo, comecei a flutuar, fechei os olhos e veio essa sensação de estar girando ou estar em alguma coisa arredondada, enquanto flutuava veio essa sensação com muita suavidade, muita continuidade no movimento. Eu mal comecei a fazer isso nesse estado, entrando num estado de relaxamento, de desaceleração e fluidez também... quando eu abri os olhos, tinha um cardume gigante na minha frente. E é muito interessante porque eles estavam vindo para mim, quer dizer, estavam ao meu redor. Eu lembro que há um tempo atrás, quando eu entrava e via um cardume, eu ficava meio desesperada querendo nadar atrás dos peixes e isso os assustava. E agora eu percebo que acontece uma outra coisa... aos poucos venho trabalhando isso, que aconteceu já algumas vezes, mas hoje foi muito forte. A hora inteira que fiquei dentro da água, eu realmente fiquei uma hora, só saí porque estava com frio, mas teria ficado mais tempo... durante 1 hora os peixes não fugiram de mim, nenhum deles. A não ser quando chegava alguma pessoa perto fazendo barulho ou com movimento rápido ou brusco.

Senti uma conexão muito forte com os peixes, com o movimento do grupo como um todo e como eles se alternam e essa sensação de fazer parte de um todo, de um coletivo. Fui meio que sendo guiada por eles, com eles, do lado, totalmente dentro daquilo. Às vezes eu usava os braços, quase nunca porque realmente não faz muito sentido ser a única naquele coletivo a usar os braços, até porque eles são super rápidos e bem adaptados justamente porque não tem braços. Às vezes eles foram para minhas costas ou ficaram flutuando ao meu lado ou dos dois lados, ou ficaram no topo da minha cabeça, criando uma forma esticada como se eu fosse um peixe espada. No topo mesmo da minha cabeça, como se o topo da minha cabeça crescesse e meus braços ficaram esticados com meu movimento mais espinhal (cabeça-cauda). Mas foi interessante porque eu fui flutuando com esse cardume assim até o outro lado da praia, atravessando tudo mesmo. Às vezes eles se escondiam embaixo de algum barco, então eu ficava flutuando ali por perto, em seguida eles voltavam.

Foi muito forte, e ao mesmo tempo muito suave, porque eu não tinha que fazer nada, eu não tinha que empurrar, forçar alguma coisa ou trabalhar em alguma coisa, era só estar ali com eles. E eles tinham um brilho com a luz do sol que batia e atravessava a textura da água de modo alternado. Quando eles se movem, parece que acende uma luz, são meio prateados, e a luz vai alternando de um para o outro, então parece um pisca-pisca, luz branca no meio do cardume que vai alternando entre cada um, vários ao mesmo tempo em lugares distintos. E às vezes eles mudam de direção, e também de lugar entre eles, não fica todo mundo indo sempre para o mesmo lugar, às vezes volta ou vai. E então automaticamente o peixe do lado abre um pouquinho, ou seja, tem sempre um respeito



pelo espaço do outro. E quando eles se movem, muitas vezes é em ondas. O cardume como um todo, como eu estou dentro do negócio, misturada com eles, eu estou vendo que não é uma coisa que vai toda junta. Na verdade eles vão bem soltos e criando umas formas que esticam de um lado, depois encolhem, depois estica do outro... eles vão se locomovendo muito ondulatoriamente, em seus corpos e também no todo do coletivo e no fluxo das correntes marítimas.

Num dado momento, mais ao final, tinha muita água dentro da minha máscara, e então eu subi para a superfície do mar para limpar a máscara porque já estava quase me sufocando, mas eu não queria sair da água. Fiquei ali só me mantendo com o movimento das nadadeiras, sempre muito suavemente, enquanto limpava a máscara, o nariz, tentando respirar etc. Estava preocupada de demorar e eles irem embora porque eu estava com o rosto fora da água, quando eu voltasse poderia não mais encontrá-los. No que voltei para dentro da água, eles estavam ao meu redor, foi incrível. Eles pareciam que estavam me esperando para ver se eu estava bem. Olhavam para mim como quem diz: “Você está bem? Está respirando?”. De minha parte, respondi também com o olhar: “Tá vendo como vocês são muito mais avançados do que eu? Vocês estão aí tranquilos, e eu não consigo fazer isso!”. Tenho um profundo respeito pela sabedoria desses seres.

Depois eles foram para um dos lados e eu fui para outro, eles começaram a ir muito para o fundo depois dos barcos, eu achei que isso era um momento de despedida e voltei. Continuei nadando um pouco e logo encontrei outro cardume, ou talvez o mesmo?! Enfim, foi uma hora de cardumes. Esse último realmente veio na minha direção, na minha face. Eu via todos os peixes muito próximos de mim. Não era algo como ver a cauda ou ver o dorso, realmente eu via o rosto deles, eles me olhando muito próximos de mim. De repente se aproximou de mim um mergulhador profissional com mais duas pessoas, ele começou a falar e fazer propaganda do trabalho dele. Bem, quando eu voltei para dentro da água, os peixes tinham desaparecido porque, óbvio, aquela conversa os assustou.

Flutuei ali por um instante e entendi logo aquele sumiço súbito, como se os peixes dissessem: “Não, com esse som a gente não vai. Nessa vibração aí a gente não vai porque o que a gente faz aqui dentro da água é muito sutil. Somos seres de um outro nível. Não dá para essa conversa propaganda do que eu faço para conquistar freguesia”. Quando eu vi que os peixes não estavam, fiquei um pouco triste mas disse a mim mesma: “Tudo bem, estava na hora deles irem, eles não se adequam a isso”. Mas me deu também uma sensação de rejeição com o ser humano, como realmente esse nível do ser humano é muito estranho, esse nível da conversa funcional, na verdade, comercial.



Esse embate entre um discurso racional lógico visando lucro individual e uma percepção sensível compartilhada num coletivo fluido nos remete a questões de dominação antropocêntrica. Donna Haraway (2022) refere-se a esta relação como a de dominação do homem racional a toda e qualquer forma de alteridade, quer seja ela colonizada, escravizada, não-cidadã e animal. Destas formas invisibilizadas de diferença, muitas vezes sobrepostas, Haraway destaca a questão do “lugar de fala” (Ribeiro, 2017) do animal, ou seja, como considerar seus modos próprios de perceber, se colocar e se relacionar no mundo, ao invés de enquadrá-lo na narrativa antropocêntrica.

Afinal, os modos de ser, existir, perceber e se relacionar de um animal não apenas diferem radicalmente do contexto neurotípico da linguagem humana, mas justamente remetem a uma realidade insubstituível por palavras, símbolos ou linguagem. Além disso, a ausência deste universo linguístico no contexto animal não implica necessariamente em uma noção de privação de direitos sociais, como no caso de pessoas subalternizadas. Ou seja, no caso dos animais, a ausência de linguagem não implica em si mesma numa privação e exclusão, mas sim na própria constituição e até mesmo sabedoria, como no caso de cães farejadores que trabalham na polícia, por exemplo.

Isto me remete também ao processo criativo de *Lugar sem Fala* (2022), performance realizada pelo Coletivo A-FETO de Dança-Teatro, sob minha direção, na XII Mostra de Performance da Galeria Cañizares (Universidade Federal da Bahia), sob curadoria de Ricardo Biriba e Wagner Lacerda, em novembro de 2022²:

Em *Lugar sem Fala*, propomos reescrever pedaços de nossas histórias de violência corporalizada e silenciada, revisitar a dor que não tem lugar de fala (não é simbolizada, está no nível do pré-verbal), que foi literalmente desterritorializada (retirada da pulsão da vida, da possibilidade de seguir no fluxo ancestral em conexão com a natureza) a partir da relação com materialidades (tal como seringas, caixas de medicamentos, bem como elementos que nos remetem à natureza e à ausência desta) vinculadas às nossas memórias pessoais, culturais e sociais, traçando esses estilhaços de pulsões congeladas ou desterritorializadas. Através do espaço-tempo expandido da performance, em desaceleração, pausa dinâmica e micromovimentos, vamos aos poucos expondo estas histórias invisibilizadas em seus detalhes para reconhecimento público, e desenhando nosso ponto de proteção, chamando para isso os povos originários que merecem reconhecimento em toda sua sabedoria e resiliência após milênios de massacres. Nesse *Lugar sem fala*, mas com sons e reverberações telemáticas/digitais, bem como cantos pré-verbais, vamos revisitando etapas para reconquistar e declarar delimitado e protegido nosso espaço

² Performers: Angel Fox, Brenda Urbina, Ciane Fernandes, Cláudio Saje, Lucio Di Franco, Ludimila Nunes, Solange Di Maria. Trechos da performance estão disponíveis em: <https://youtu.be/8oDfde4l76Y>. O vídeo projetado durante a performance pode ser visto em: <https://youtu.be/su1VQZ5EhE?si=djaQkQCRWbLY9jX9>.



peçoal num coletivo de apoio mútuo e sagrado. Utilizaremos também instrumentos de percussão como reverberação do batimento cardíaco e da vida que insiste em pulsar, mesmo em meio a tanta violência. Trechos das memórias serão expostos/contados em slides projetados no espaço e nos corpos das performers, sem som como a violência da branquitude silenciadora imposta aparentemente sutil mas, de fato, massacrante (Fernandes et al, 2022).

Naquele dia mergulhando na Praia do Porto da Barra, no minuto em que eu estava refletindo sobre essa questão da expansão neurodiversa, flutuando no mar, os cardumes apareceram de novo feito mágica “Tchum!” Nesse instante eu percebi que eu estava sendo limpa ou reorganizada de outro modo. A minha Cinesfera (Laban, 1974), o espaço ao redor do meu corpo, estava sendo redesenhado em sua carga eletromagnética, arredondando e equalizando ao mesmo tempo. Quando encontrei com o mergulhador e também em outro momento com um rapaz que ficou falando sem parar, isso teve uma certa aproximação no “campo somático” que se configura pelas interações no ambiente (Nagatomo, 1992), até mesmo uma certa invasão do meu espaço pessoal, especialmente porque estava em estado de expansão com os cardumes. Diferentemente daqueles humanos falantes, esses peixes dos cardumes me envolveram toda, desenhando uma multidimensionalidade ao redor de todo meu corpo, em algo que não tem gravidade, não tem linearidade, minha corporeidade expandia...

Percebi como isso era a criação de um território seguro ao meu redor, reconquistando um espaço pessoal protegido num coletivo de apoio mútuo e sagrado, como proposto na performance *Lugar sem Fala*. Foi tão forte! Eles estavam ali por todos os lados, no início eu estava próximo, depois fui mais para o meio, fui indo junto, mas aos poucos realmente eu percebi que estava sendo trabalhada por aquela dinâmica energética. Aquilo é energia, eles são energia, uma vibração muito pura. Em seguida senti, quase como numa visão xamânica, dois peixes grandes, um em cima de cada ombro meu, como proteção para mim [longo silêncio no áudio].

Muito marcante fazer parte disso, desse sagrado... esse corpo-peixe sagrado. Ah, sim! No meio de toda essa improvisação, me veio muito essa sensação de que Deus é peixe! Que o divino é peixe, essa relação com muitos movimentos ondulatórios que vieram para meu corpo. Não que eu organizasse isso assim, mas simplesmente vinha desse jeito. Por contaminação talvez porque eu estava ali em mimesis com esses seres. Óbvio, isso já acontece há vários anos, mas hoje foi muito intenso e por muito tempo contínuo. Em geral isto é algo muito instável porque o cardume vem e vai, você não tem muito controle da situação. E não tem como você correr atrás do cardume, se eles resolvem fugir eles vão



embora, não tem jeito. É uma coisa muito rápida, ou eles se enfiam no fundo, ou atrás de alguma coisa.

Mas hoje não! Hoje realmente ... tem algo a ver com meu estado. Porque ontem também eu trabalhei na água (piscina), fiz uma junção de alguns movimentos que estavam vindo já há algum tempo, para a performance *Lugar sem Fala*. Acabou vindo a coreografia com círculos, lavando a cabeça, água escorrendo pelo rosto, separação das pernas, uma perna flutua enquanto a outra enraiza, ondulações na coluna, girar para um lado e para o outro, relaxamento do pescoço deixando a cabeça sair do eixo vertical, flutuar em bolinha só aparecendo os ossos do meio da coluna para fora da água, como uma semente flutuando na água, ou um côco flutuando por exemplo, com uma parte pequena aparente, enfim... coisas que tem me acontecido dentro da piscina também ao longo de vários meses de experimentação. Então tem todos esses movimentos que me aconteceram ontem e que com certeza me prepararam para hoje, porque eu entrei na água do mar e estava pronta para este estado de conexão com os peixes, pois foi muito contínuo, não teve [longo silêncio no áudio] pausa... não teve pausa no sentido em que foi uma pausa. Foi uma l~o~n~g~a p~a~u~s~a.

Outro movimento interessante que aconteceu ontem também foi quando, além das ondulações e dos círculos e dessa soltura da cabeça-cauda que vai até os calcanhares, ao girar, as pernas vão cruzando e vão meio que virando um rabo de peixe, também eu comecei a me esticar de um jeito, parecia que eu estava empurrando o céu, resistindo àquela “queda do céu” (Kopenawa; Albert, 2015). De repente comecei a empurrar, empurrar, empurrar para cima, inclusive com as mãos primeiro bem esticadas como duas pontas de flechas e depois bem fechadas em punho, como se fosse dar um soco, e aos poucos isso foi alternando com relaxamento. Erguia os braços e empurrava para cima e em seguida r~e~l~a~x~a~v~a, numa alternância entre empurrar para fora e relaxar e se desfazer dentro da água. O empurrar aos poucos foi virando algo que abria todo o espaço ao redor do meu corpo, criando essas fronteiras. Isso também me preparou para hoje, porque esses peixes reforçaram essa barreira. Não como uma barreira agressiva, porque eu realmente precisava empurrar aquilo de ontem que eu não sei o que era, mas algo que estava me pressionando, porque eu não estava nem conseguindo respirar. Para então hoje esses peixes virem costurando e reorganizando esse campo etérico ao redor do corpo.

E num momento no mar quando eu estava sem os peixes, uns dois minutos depois de encontrar o mergulhador, antes dos peixes me reencontrarem de novo, teve algo curioso. Eu acho incrível como dentro do percurso da natação, você está nadando para um lado, para o outro, tá mergulhando aqui e ali, eu ia sempre na direção de onde estava algum



cardume! Ou será que eles estavam vindo para mim, mas eu estava indo para eles, foi muito interessante, porque em nenhum momento eu nadei para algum lugar que não tinha cardume. Não é possível que tinha cardume em todo lado! Porque, afinal, nem todo mundo estava vendo cardume, as pessoas estavam conversando, nadando em linha reta etc. E realmente eu ia e “plof!” De fato eu estava indo na direção de algo que está em movimento e que não dá para prever, não dá para ver! Realmente eu estava numa sintonia, porque como é que eu vou e... nossa! Quantas vezes eu mergulho ali, nado por uma hora e não aparece um cardume sequer, não aparece nada, às vezes aparece uma tartaruga, às vezes um cardume. Mas não aparece assim, você indo sempre para um lugar e dando de cara com cardumes! A minha sensação é de que eu encontrei pelo menos dois, provavelmente três cardumes. Mas, com certeza, um deles voltou em algum momento, estava por ali girando no mesmo lugar e eu reencontrei. [longa pausa sonora] Esses silêncios estão muito bons, desculpem!

Na verdade eles não estão girando no mesmo lugar, nunca. Eles estão sempre mudando de lugar. E é completamente imprevisível. Esse é o grande lance, a gente não sabe onde eles estão, e não dá para você saber onde eles estão. Então, encontrar com eles é um grande evento, e ficar encontrando toda hora então, é incrível! E o que aconteceu entre um encontro, um desencontro e um reencontro é que de repente eu olhei para o fundo e a areia estava refletindo a luz do sol que batia no mar. Estava terminando a maré baixa e começando a subir a maré. Era o momento dessa virada da maré, quando há uma suspensão no movimento geral como no final de uma inspiração prolongada antes de vir a expiração vagarosamente. Nessa alternância de sentido da rotação da maré (porque ela não só vai/desce e vem/sobe, ela gira e espiraliza nas correntes), tinham umas marolinhas que se formavam na superfície, com formatos ondulatórios bastante intrigantes.

O sol batia nessas marolinhas e refletia na areia no fundo do mar, criando linhas de luz que tinham formas geométricas maleáveis, pareciam poliedros, entre hexágonos, icosaedros ou formas mais arredondadas ou ovaladas, triângulos ou losangos ondulados mutantes. Não eram formas claramente definidas, porque tinham as formas das marolinhas, então eram padrões de luz na areia, com a densidade da água porque, afinal, eu estava vendo de uma altura que tinha no mínimo 2 metros de onde eu estava até o fundo (na verdade, muito mais). Então esta densidade da água dava uma certa distorção nessa luz, mais o movimento das marolas reais, no mar, e o movimento das linhas de movimento na areia no fundo. Essas linhas formavam padrões dinâmicos, fluidos, ou seja, padrões geométricos, mas hídricos, como na quarta fase da água (Pollack, 2014).



Além dos conhecidos estados de sólido, líquido e gasoso, a 4ª fase da água consiste num gel conectivo entre moléculas que não permite que se afastem, mas também as mantém numa certa distância. Isto porque existe um vetor eletromagnético entre elas e o ambiente, criando um inter-estado conectivo: as duas esferas da mesma carga negativa, *a priori*, se repeliriam, mas, devido ao meio entre elas, que é positivo, elas acabam por criar um certo laço de atração maleável, diferente, por exemplo, de um laço entre duas moléculas de cargas opostas que se atraem fortemente. Ou seja, apesar das moléculas terem cargas idênticas, elas não se repelem, devido ao ambiente (de carga oposta) que as une ao mesmo tempo que elas também sofrem certa repulsão recíproca (por terem carga idêntica). Isto cria uma formação única entre coleções de moléculas, construindo um cristal coloidal, como vemos, por exemplo, na constituição das nuvens do céu.

Do mesmo modo, as linhas no fundo do mar pareciam criar um ambiente coloidal, simultaneamente unido e separado, balançando e ondulando constantemente nesse contraste entre atração e repulsão, em padrões geométricos fluidos, arredondados e flexíveis. Luz, mas era só luz. Era luz na areia e na água por dentro, e isso não tinha começo nem fim. Por todo lugar que eu olhava no fundo havia essas linhas se cruzando em todas as direções, fazendo essas dinâmicas como um campo quântico de ondas, como vemos nos desenhos de física. Aqueles campos cruzados de espaço-tempo, uma malha de luz ondulatória em constante transformação. E no meio disso, eu estava flutuando contemplando essa maravilha, e surgem os peixes como parte disso, porque são parte disso. E vieram na minha direção porque, afinal, é o destino do dia de hoje! Foi incrível esse encontro do lugar com os seres e a minha presença diluída e protegida nesse lugar com esses seres.

Entre um dos desencontros e reencontros, teve um momento em que fiquei só com alguns peixes que estavam soltos por ali. Tinha um amarelinho, eu parei bem perto dele, fiquei nadando próximo, e percebi algo que já tinha acontecido na imersão com o cardume inicial. Meus dedos tinham começado a se mexer suavemente, e isso aconteceu de novo. Nesse momento eu entendi, porque era igualzinho o movimento das pequenas nadadeiras laterais desse peixe amarelo. Era algo assim... mexe um dedo, daí mexe o outro, mexe o do lado direito, mexe o do lado esquerdo e por aí vai. Esse também foi um encontro incrível, porque o peixe não ficou assustado comigo e ficou perto de mim, eu também fiquei ali... enfim, ficamos ali, nessa conversa de nadadeiras e ... fluindo! Fluindo em luz, luz mineral, já que o mar é repleto de minerais.

Perceber o movimento corporal como uma imersão celular múltipla, que se mescla com o ambiente mutável, imprevisivelmente, é entregar-se a estados de presença sutil,



ecoperformativa, e, necessariamente, relacional: “Os parceiros não precedem seu relacionamento; tudo o que existe é fruto de se tornar com: esses são os mantras das espécies companheiras” (Haraway, 2022).

Praia do Porto da Barra, Salvador BA, 11 de abril de 2023

Essa semana, no dia 10 de abril, aconteceu a primeira aula presencial do Laboratório de Performance desde o início da pandemia. Foi no Porto da Barra, com direito a mergulho e até com assistência de dois mergulhadores profissionais, Ronaldo Batista e Angel Fox (integrante do Coletivo A-FETO)³ para dar coordenadas quanto aos princípios de mergulho livre, e tivemos alguns equipamentos disponíveis também. Em geral, alguns dias antes de levar outras pessoas para fazerem essas imersões, converso com os peixes enquanto flutuo com eles, avisando (talvez telepaticamente?) que vou levar pessoas lá para dançarem também, aviso dia e horário, e explico que são artistas/pesquisadores e que eles podem ficar bem à vontade e vir interagir conosco, será seguro. Nessa aula do Laboratório, por exemplo, foi incrível, os peixes estiveram conosco o tempo inteiro!

Hoje eu tive uma hora para mergulhar pela manhã com meu filho neurodiverso Lucio, pois a terapeuta desmarcou. Do minuto em que entramos na água até o minuto que saímos, durante uma hora, sem parar, ficamos rodeados de cardumes. E não era um cardume que se via até o fim. Não víamos o fim, e eles giravam ao nosso redor, foi impressionante. Também na aula do Laboratório comentei com as pessoas sobre a sintonia, de ficar em silêncio e em pausa, para perceber esses seres e entrar em contato com eles. Mas realmente hoje foi muito forte. Eles criaram uma aura de proteção ao nosso redor, tanto de mim quanto de Lucio, e ficaram com a gente o tempo todo. Isso tem a ver com um estado... um estado de presença... de muita [silêncio] paz.

De novo veio aquela coisa de ficar girando suspensa enquanto flutuo em pé na água, que também aconteceu na aula essa semana. Percebo na própria água sua força que vai me fazendo girar. Fiquei girando e flutuando até que, a uma certa altura, eu comecei a perceber, nas minhas costas, alguma coisa como se fosse um véu que saia da altura do cóccix e depois foi subindo, como se fosse um babado de alguma coisa bem transparente, um pano, um gel, ondulando na água. Isso foi crescendo até o topo da minha cabeça, depois desceu até os pés. E então percebi meus olhos puxando para os lados e para trás, como se eu estivesse

³ O Coletivo A-FETO de Dança-Teatro é um projeto de extensão que criei e coordeno na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia desde 1997, entrelaçado com atividades de ensino e pesquisa desde então.



ficando meio chinesa, mas, na verdade, estava ficando meio peixe (de fato, inteira peixe!). Meu rosto foi afunilando, enfim... meu corpo foi ficando assim! E isso gerou todo um outro tipo de movimento na água, que não era intencional, era realmente muito orgânico nessa ondulação, que tinha a ver com essa expansão da coluna, desse corpo de trás (Pizarro, 2020).

A partir disso, eu comecei a sentir os dedinhos dos pés mexendo muito suavemente dentro das nadadeiras, e depois os dedos das mãos. Em seguida os dedos das mãos começaram a girar como aquele movimento de mudra da dança clássica indiana que forma uma flor de lótus (*Alapadma*) (Sarabhai, 1999), e também parece muito com o movimento embriológico da formação do coração (Cohen, 2021). As mãos foram girando, girando... começou bem pequeno, eu nem sabia no que ia dar aquilo... algo que gira continuamente nas mãos e foi virando um coração, até que depois de uns 10 minutos fui percebendo o movimento do meu coração, que foi expandindo, e todo meu corpo eu senti que tomou a forma anatômica do coração mesmo. E os peixes estavam totalmente ao meu redor e presentes. Conforme eu fui entrando nesse coração, aliás, fui virando esse coração, também fui percebendo o *torus* do campo eletromagnético (Dubro, 2022), essa imagem de um tubo arredondado que gira e que tem algo ao redor. Então esse coração também com essa espiral virou essa forma que é o campo eletromagnético. Já várias vezes tive essa experiência com os peixes. Eles realmente trabalham essa Cinesfera em campo expandido, eles giram ao redor, respeitam e desenham nosso campo eletromagnético, que se torna mais arredondado, como o campo eletromagnético da terra. Foi uma hora com peixes me girando ao redor. Estou sentindo minha respiração mais tranquila.

Isto remete à reconquista daquele espaço de proteção que exploramos em *Lugar sem Fala*, e como, justamente, isto ocorre a partir do encontro inter-espécies, ao invés da separação, do isolamento e da competição mercantilistas. Curiosamente, aquela reconquista não ocorre através do toque físico, que é particularmente indagado pela provocante pergunta de Haraway (2008, p. 4): “Em que e no que toco quando toco em meu cachorro?” No caso dos cardumes, a criação de estados ecoperformativos se dá por aproximação, e raramente pelo toque em si. De fato, a sobreposição entre proximidade e distância, atração e repulsa entre as espécies, é o que cria um campo elástico de proteção somático-performativo, isto é, inteiro, integrado, vivo e pulsante.

Ou seja, o empoderamento da corporeidade em toda sua diversidade biológica e existencial, se processa a partir do reconhecimento e materialização de espaçotempos amplos e supostamente vazios e desincorporados, mas, de fato, repletos das subjetividades multidimensionais (Haraway, 1995) que não cabem nos discursos neurotípicos racionais. A



supervalorização da materialidade concreta cai por terra e adentra as fluidas profundezas marinhas quando vivenciamos o infinito manancial de possibilidades criativas no entre-lugar cultural (Bhabha, 2005) onde espécies diferentes se percebem, se relacionam e co-criam. É neste espaçotempo expandido entre corporeidades diversas que tudo pode acontecer, principalmente quando nada parece estar acontecendo ou quando não estamos racionalmente planejando fazer algo, prevendo, controlando ou comandando o curso dos acontecimentos.

Em meio ao mergulho, teve um momento em que senti que eu podia ficar completamente em pausa, eu não precisava fazer absolutamente nada. Eu estava flutuando em pé e tudo estava me levando, me segurando, sem apertar. E essa coisa da respiração apertada, do coração apertado, tudo isso que eu tenho muito por causa das crises agressivas de Lucio, foi diluindo. É algo muito suave, é um contato muito amoroso e muito multidimensional. Esses seres são sagrados. Eu não tenho a menor dúvida disso. Os peixes são seres de cura. Eu não chamei o coração, eu não chamei a espiral, a coisa realmente acontece, ela vem. Essa transformação celular vem com os peixes, eles trazem isso. E eles não fugiam da gente, eles ficaram ali com a gente. Nós nadamos pela Praia do Porto inteira. De vez em quando eu levantava um pouco o rosto e estávamos num lugar do mar, depois estávamos noutra completamente diferente. Quase nunca estávamos no mesmo lugar. Na verdade, nunca estávamos no mesmo lugar, passeamos de um lado a outro, porque vamos junto com o cardume. Não é uma coisa que eu saiba onde estou. Eu estou lá no fundo.

Ah! Esqueci de dizer! E no final, como se não bastasse tudo que eu já tinha vivido ali, começaram a me vir sons... eu não conseguia discernir muito bem. Não era algo assim: “Ah, vou cantar tal música, vou fazer tal nota.” Não, era uma coisa da sonoridade do mar mesmo, e bastante conectada com todo esse meio. E os peixes estavam no ritmo (e/ou eu estava no ritmo deles). Uma hora me vieram sons de gargalhadas, entre outros. Fiz uma experimentação de som com snorkel, e os peixes junto comigo movendo em meio às sonoridades sem fugir. Senti que o som que saía tinha a ver com sons de baleia, mas não agudo, e sim uma onda de som, o som em ondas. Foi interessante porque já fiz muita aula de canto lírico, e até canto de música clássica indiana, mas ali era outra coisa, não tinha escala. Eu até fiz alguns vocalizes, alguns arranjos harmônicos, mas não necessariamente pensando em nota ou algo assim. Era algo mais da vibração sonora mesmo e os peixes pareciam estar curtindo isso!



Praia do Porto da Barra, Salvador BA, 12 de abril de 2023

Hoje fui mergulhar de novo com Lucio, por cerca de uma hora, porque o professor de capoeira desmarcou (que semana!). Então entramos e de novo estava o cardume lá e ficou uma hora conosco de novo! Mas hoje teve um de tom meio cobre que ficou bem perto de mim fora do cardume, veio bem perto várias vezes, depois sumiu de novo. E lá pelas tantas quando ele voltou eu reparei porque ele não tinha medo de mim... ele não tinha olhos! Ele tinha um buraco no lugar dos olhos e fazia tudo pelo toque do corpo, foi uma coisa muito surreal. Eu nem entendi de início, nem acreditei... por que ele não teria olhos? E a nossa interação foi muito incrível até ele confiar em mim e ir pelo toque do corpo dele nos movimentos espinhais.

O cardume ficou me vendo mexer com esse peixe defença⁴ e depois eu tentei integrá-lo no cardume e todos me olharam por um tempo, me rodearam e aos poucos não aceitaram ele, porque não tinha como ele ver o grupo, ele não entrava na sintonia. Depois que eu dancei mais com esse peixe defença ele foi afundando e os dois maiores, que provavelmente tinham comido os olhos dele antes, ficaram rondando-o. Não aguentei ver aquilo e chorei tanto dentro do meu snorkel! O cardume ficou comigo até o fim, até eu ter que sair do mar.

Eu lembrei tanto do Lucio e ele estava bem ali comigo, foi chocante. Toda a dificuldade de inclusão dele nas escolas, nos grupos sociais, os filhos e filhas de meus amigos e amigas crescendo e se distanciando porque tinham outros interesses, Lucio ficando isolado. Eu não chorei só pelo peixe, ou mesmo por Lucio, foi pelo sofrimento e pela dor que existe no mundo. De repente percebi isso, foi tão visceral, um oceano de dor pela exclusão da diferença. Conforme fui chorando e flutuando, aos poucos foi amenizando e melhorei até sair da água. São mensagens dos peixes, eles me trazem os estados. Não foi algo deprimente, foi sensível. Como perceber isso como algo que pode mudar no fluxo do que vem e do que é, e aceitar e viver sem pessimismo... Deixar ir, mas tem que viver através daquilo primeiro.

⁴ “POR QUE DEFENÇA? Defença é um termo muito usado no contexto de militância e identidade das pessoas com deficiência. Carrega um sentido de luta e emancipação. Foi utilizado na tradução da expressão "Disability Justice", por Anahi Mello, Helena Fietz e Gabriela Rondon. Foi formalmente apresentada ao termo (que conhecia sem saber a origem) por um artigo da professora Marivete Gesser, que coordena o Núcleo de Estudos de Deficiência (NED) da Universidade Federal de Santa Catarina. Tem muita influência do Núcleo de Estudos da Deficiência nesse perfil” Botelho, Luanda. *Por que defença?*. Papo Defença - De tudo um pouco sobre deficiência. 17 de maio. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsWoDrfp9Ch/?igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D>. Acesso em: 20 out. 2023. A partir de conversas com Carlos Alberto Ferreira da Silva, Gislana Maria do Socorro Monte do Vale, João Paulo Lima e Marlini Dorneles de Lima, integrantes da mesa Acessibilidade, Corporeidades e Interseccionalidades, no XII Congresso da ABRACE, 2023.



Então entendi a minha missão de ser sensível à diferença. Eu amo a diferença. Eles são tão fortes! Como é que um peixe minúsculo não tinha medo de um predador gigante e dançava com ele? Os outros “normais” ficaram olhando sem acreditar. Defiça é muito potente. Essa foi minha aprendizagem - ou talvez desaprendizagem (de modos neurotípicos e obsoletos de ser e viver) -, a partir dessa experiência, entre tantas possibilidades que se abriram ali. Amor sem limites. Generosidade. Reaprender a fluir, confluir, fluir com... Afinal, “ser um é sempre estar com muitos” (Haraway, 2022).



Referências

- BHABHA, K. H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- COHEN, Bonnie Bainbridge. *Opening and Strengthening Our Heart through the Consciousness of Embodiment: A Body-Mind Centering® Approach through Movement, Touch, and Cellular Consciousness*. 2021 Spring Series, 06 a 24 de Maio, 2021. Disponível em: <https://bonniebainbridgecohen.com/>.
- DOUD, Elizabeth. The Mermaid Tear Factory: Ecoperformance, climate emergencies and activism of the sea. In: FERNANDES, C.; SANTANA, I.; SEBIANE, L. (org). *Somática, Performance e Novas Mídias*. Salvador: EDUFBA, 2022, p. 321-339.
- DUBRO, Peggy P.; LAPIERRE, David P. *Elegant Empowerment: Evolution of Consciousness*. Colmenar, Malaga, Espanha: Platinum Pub, 2022.
- FERNANDES, Ciane. No movimento das marés: Somática, Imersão como Pesquisa e criação em dança. In: FERNANDES, C.; SANTANA, I.; SEBIANE, L. (org). *Somática, Performance e Novas Mídias*. Salvador: EDUFBA, 2022, p. 303-320.
- FERNANDES, C. et al. *Lugar sem Fala*. Release. In: XII MOSTRA DE PERFORMANCE DA GALERIA CAÑIZARES, Salvador, BA, 2022.
- HARAWAY, Donna J. *Quando as Espécies se Encontram*. Tradução de Juliana Fausto. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Tradução Mariza Corrêa. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-42, 1995. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.ifch.unicamp.br/pagu/files/pagu05.02.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2019.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LABAN, Rudolf. *The Language of Movement: A Guidebook to Choreutics*. Boston: Plays, 1974.
- NAGATOMO, Shigenori. *Attunement through the Body*. New York: State University of New York, 1992.
- PIZARRO, Diego. *Anatomia Corpoética em (de)composições: três corpus de práxis somática em dança*. 2020. 446 fls. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro / Escola de Dança, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.
- POLLACK, Gerald. *The fourth phase of water: Beyond solid, liquid, and vapor*. Springfield: Ebner & Sons, 2014.
- RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento, 2017.



SARABHAI, Mrinalini. *Understanding Bharata Natyam*. Darpana Academy of Performing Arts, 1981.



Autores

Ciane Fernandes

Professora titular da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia e uma das fundadoras do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas desta universidade, professora do Programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA; pesquisadora Produtividade em Pesquisa pelo CNPq; graduada em enfermagem, licenciada em artes visuais e especialista em saúde mental (arteterapia) pela Universidade de Brasília; mestre e Ph.D. em Artes & Humanidades para Intérpretes das Artes Cênicas pela New York University, Analista de Movimento pelo Laban/Bartenieff Institute of Movement Studies (New York), de onde é pesquisadora associada, e pós-doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA.

E-mail cianef@gmail.com

Direitos autorais

Ciane Fernandes

Agradecimentos

Agradecimentos à equipe do Aulão Free Snorkeling, que vem me ensinando a mergulhar⁵.

Licenciamento

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons 4.0 <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt-br>



Modalidade de avaliação

Avaliação Duplo-Cega

Editores responsáveis

Éden Peretta

Bárbara Carbogim

Histórico de avaliação

Recebido em 15 de julho de 2023

Aceito em 13 de novembro de 2023

⁵ Projeto de mergulho livre sem fins lucrativos, criado e mantido por mergulhadores profissionais voluntários que se encontram mensalmente para ministrar aulas em diversos níveis, inclusive com equipamentos disponíveis, nas praias da Barra de Salvador BA. O grupo é composto por Alexandra Rodrigues de Souza, Anderson Costa Santos, André Clemente Correia, Clóvis Machado dos Santos, Edinéia Rodrigues Santos, Eduardo Marques Menezes de Araújo, Ricardo Silva Santana, e Ronaldo Batista Santos. Mais informações em: <https://aulaofreesnorkeling.wordpress.com/contato>.